2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 5. QUINTA FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXIII.

1.º artigo do *Morning Chronicle* sobre a exposição portugueza. — Em que se tornou essa Betica afortunada de que faz Telemaco tão deliciosa pintura? Como tem descahido em nossos tempos a tanta fraqueza e abatimento a Lusitania, patria de Camões, de Vasco da Gama que teve a honra de ensinar ao occidente o grande caminho maritimo das Indias; esse paiz que soube manter por seculos seu dominio em parte do continente africano e metade do continente meridional da America? — E todavia Portugal moderno não perdeu as vantagens materiaes que a sua situação meridional e maritima lhe affiançára sempre; unicamente, em vez de centuplicar essas vantagens pelo energico desenvolvimento da força moral, a nação portugueza cahiu no desalento que prostra assim os homens como os povos em certos periodos da sua existencia, abandonou-se ao ruim conselho da apathia e desesperação, n'uma posição invejavel por tantas nações menos favorecidas.

Portugal não tem que desculpar-se, como o restante da Peninsula, com a falta e impossibilidade de communicações internas [1], não tem de galgar como a Hispanha desde o Oceano até Madrid, tres cordilheiras de serras, quasi a distancia egual umas das outras; a sua capital não é situada á beira de um rio *inaquoso*, como a metropole castelhana: cinco grandes rios navegaveis, o Téjo, o Douro, o Mondego, o Minho, e o Guadiana, que o atravessam gradualmente na sua largura, o dispensam de estabelecer grandes estradas e caminhos de ferro.

[1] Vid o que dissemos, annunciando estes artigos o jornal inglez, em o nosso precedente numero.

d

Que meio de transporte mais economico e mais seguro poderia desejar um paiz do que essas grandes arterias sem cessar vivificadas pelas torrentes e as neves das serras hispanholas? Os rios são « caminhos que andam » — como disse Pascal.

Nada veda a Portugal fazer circular no interior, e conduzir ao mar, vehiculo geral do commercio externo, tanto os productos naturaes com que a natureza o dotou largamente, como os productos industriaes que tão facil seria crear pela transformação das materias primeiras, que o seu territorio fornece em tamanha cópia.

Sendo o porto de Lisboa dos mais bellos do mundo, e não obstante o difficil accesso da barra do Porto á foz do Douro, não seriam sufficientes estas duas estancias maritimas para a centralisação d'um trafico mil vezes mais consideravel do que é actualmente o commercio portuguez?

As nações septentrionaes, Russia, Suecia, Dinamarca e Polonia, justamente attribuem sua pobreza relativa á parcimonia de um torrão que não podem fecundar os raios do sol constantemente baço ou encuberto. Porém, Portugal favorecido simultaneamente pelos calores tropicaes nas praias do mar e nas planicies, por brizas temperadas nas lombas e ladeiras das serras, de que modo poderá dar rasão do grão inferior a que desleixadamente desceu na cathegoria de paiz productor, industrial e commerciante?

Por mais complicada que porventura seja a situação economica de Portugal, cumpre, todavia, confessar que a sua exposição dá positivas esperanças de melhor futuro. Lá estão todos os elementos de verdadeira regeneração industrial, posto que as amostras expostas sejam muito incompletas e muitos productos não estejam alli representados. Portugal decidiu-se muito tarde a mandar o seu contingente á Exposição Universal; quando se resolveu, já os expositores não tinham senão tres mezes para prepararem as suas remessas. E' pois o espaço occupado pela exposição portugueza muito mais pequeno ainda que o repartimento reservado quer á Suecia, quer á Dinamarca; mas contém

productos infinitamente mais variados que os dessas nações septentrionaes.

As amostras de mineraes, por exemplo, são mui numerosas: infelizmente, a maior parte das minas donde se extrahiram, estão por explorar, em parte por incuria, e ainda mais por falta de capitaes sufficientes para os adiantamentos assaz consideraveis, que sempre exige a abertura de uma mina em um paiz para onde os aparelhos mechanicos devem vir de fóra, e ser transportados com grande despeza ao local da exploração. O monopolio que o Estado faz neste ramo de industria é sem duvida uma das causas que obstam a que a mineração e a metalurgia recebam no mesmo paiz todo o desenvolvimento a que poderiam chegar; porquanto não faltaria o combustivel fossil em auxilio da industria, uma vez que se désse o primeiro passo na pesquiza e lavra dos thesouros metallicos, que de certo o solo portuguez encerra. E não seriam então providos, pelo uso daquelle combustivel economico, de um motor, que lhes falta hoje, os apparelhos da lavra de minas?

Bastaria talvez o generoso impulso de um só homem para pôr em acção o movimento industrial que restituiria em breve commodidades e animação a povos desfallecidos na mingua e ocio, por não haver quem saiba tomar a iniciativa dessa regeneração.

Assim como todas as industrias de um paiz são solidarias, e nenhuma póde sumir-se (salvo sendo substituida) sem que as demais fiquem abaladas; do mesmo modo não póde crear-se uma industria nova sem que todas as outras achem nella, directa ou indirectamente, origem de proveitos.

E não será verdade que, se as minas de Portugal fossem exploradas, como era mister, o carvão de pedra portuguez, que é mais resistente que o carvão inglez e arde por mais tempo, seria immediatamente procurado?

A exposição portugueza offerece bellissimas amostras de cereaes, trigos molles de qualidade superior, centeio, cevada, aveia, milho; avultada quantidade de legumes farinaceos; finalmente, todas as producções que poderia appresentar a agricultura elevada ao mais subido gráu de prosperidade. Como é, pois, que em meio de taes riquezas, Portugal importa das nações estrangeiras a maior parte do trigo que consome? [2] A rasão é ter sido substituida em grandissima escala a cultura dos cereaes pela das vinhas; e a este respeito, até certo ponto, ha compensação. Porém, julgamos que é chegado o tempo de pôr limites em toda a Europa ao desenvolvimento excessivo que, nestes ultimos annos, tomou a cultura das vinhas em ponto grande. Portugal, e assim outros paizes vinicolas, obraria bem se augmentasse a producção cereal sacrificando parte de suas vinhatarias.

Além destes productos vegetaes, acham-se na exposição portugueza grande numero de outras substancias alimentares, ou proprias para o fabrico de oleos como azeitonas, amendoas; mas nenhuma dellas, á excepção do azeite de oliveira, tem importancia commercial ou industrial. Portugal tambem mandou fructas seccas, e conservas de fructos, pimento, alcaparras, e bem assim tabaco etc. Expoz mais um caule de linho canhamo de extraordinario comprimento, e para que sobresahisse seu merecimento, pozeram-lhe a par uma estriga de bella fevera, flexivel e macia, acompanhada de uma serie de fios de varias grossuras.

A canna d'assucar é cultivada em Portugal, como nas provincias meridionaes da Hispanha, e da-se muito bem. [3] O assucar refinado que expozeram os Srs. Pinto Bastos e C.ª em nada cede ao assucar dos tropicos; mas o caso é saber se o assucar fabricado com as cannas cultivadas em Portugal poderá luctar em barateza com o das colonias, quando a cultura da cana e a refinação do assucar na mesma localidade tiverem chegado a certa perfeição

2.º Artigo do *Morning Chronicle.* — A industria textil poderia achar em Portugal todas as materias primeiras que emprega, desde a pita (agave americana) e o canhamo commum até a lãa e a seda. Porém, soffocada no seu germen por falta de capitaes e segurança, a industria portugueza nem póde aproveitar essas riquezas, nem dar impulso á sua producção; apesar disso, todos esses productos são representados na Exposição por specimens mais ou menos numerosos, mais ou menos curiosos. A lãa, que devera ser collocada á frente das materias primeiras, pois que é o unico producto deste genero que se exporta consideravelmente para paizes estrangeiros, só é representada por tres pequenas amostras de lãas pretas e brancas.

Ha um bellissimo specimen de fibra de piteira; porém, não se appresentaram as transformações successivas desta substancia em tecidos, cordas, e obras de serigueiro. Esta materia textil, que em lustre não é excedida por qualquer outra fibra vegetal, tem o brilho e suavidade da seda; mas é notorio que não resiste á humidade, e por conseguinte não póde ser destinada senão a mui limitados usos; não deve, pois, Portugal procurar nella elemento de prosperidade ou base de uma industria nova.

As amostras de seda em bruto que nos appresenta a exposição portugueza são em pequeno numero; em compensação offerece uma bella collecção de se-

[2] Tanto isto é falso, que o proprio mercado inglez já se tem provido, em alguns annos, das sobras da nossa cultura. Em 1838 só importamos do estrangeiro 367 moios e 8 alqueires de cereaes; e de 1839 a 1846 nem um só bago; em 1847, anno de lucta civil e de colheita insufficiente, recebemos de fóra 13:290 moios; cremos que a excepção occasionada por duas calamidades não faz regra. Em 1848 exportámos 1:930 moios de trigo e 14:484 moios de milho. A nossa producção agricola no mesmo anno excedeu ao consumo interno 69:631 moios.

[3] Já deixamos apontado este engano do articulista em o n.º de quinta feira passada.

das que fazem honra aos artistas portuguezes e aos criadores dos bichos de seda, se todas ellas, como se affirma, são fabricadas exclusivamente com seda indigena. Os veludos pretos de J. Moreira e de R. J. Martins; os tecidos de ouro e prata de J. S. M. Porto; os veludos escocezes, os gros-de-Naples, as sedas azues grenadinas para colete, e o moiré branco de T. Pimentel; os setins de phantasia, as sedas de cor e os damascos de J. Jorge, não figurariam mal na exposição de outra nação europea. Por isso Portugal tem provimento para si neste ramo de industria; por quanto no quadro de suas importações e exportações não figuram sedas quer n'uma quer n'outra parte. [4] Todavia, é claro que a situação meridional deste paiz lhe permittiria effectuar grandes lucros exportando esta producção em bruto, se o desenvolvimento da industria setifera não fosse detido pelo estado de abatimento que nesse paiz pesa sobre todas as industrias conjunctamente e sobre cada uma dellas em particular.

A mesma exposição tambem appresenta algumas amostras de rendas fabricadas á mão, inferiores ás de Hispanha, e por consequencia mui distantes dos magnificos specimens expostos pela França, a Inglaterra, a Belgica e a Suissa: depois da applicação do tear á la Jacquard ao fabrico das rendas, é esta uma industria perdida sem recurso para os paizes desprovidos de maquinas e condemnados a lutar com os braços do homem contra a força colossal do vapor.

Os pannos expostos pelos Srs. Larcher irmãos, Mello irmãos, Corrêa irmãos; os cobertores de lãa, do Sr. B. Daupias; são objectos correntes e bem fabricados. Outro tanto se póde dizer do panno de velas, dos riscados e lonas de J. Barbosa. Mas é mister declarar ao mesmo tempo que a maior parte dos tecidos de lãa e de linho, á excepção dos barretes de lãa, que Portugal consome, são importados do estrangeiro. [5]

A galeria superior do repartimento portuguez foi destinada á exposição das obras de marcenaria. Ahi se acham tambem alguns tapetes de mesa e de sala, encorpados e macios e de bom desenho, devidos á fabrica de Daupias & C.ª; uma sella para cavallo, trabalho trivial; uma cadeira d'encosto para entrevados ou doentes, sendo produzidas as diversas inclinações, que toma, por duas rodas collocadas lateralmente: — este traste é inspirado por um bom pensamento; é de incontestavel utilidade nos hospitaes; mas a sua construcção o classifica logo á primeira vista entre as curiosidades mechanicas pertencentes á infancia da arte; porquanto cada uma das rodas tem exactamente a fórma e as dimensões da roda do leme de uma nau de linha: assim, o aparelho que poderia dirigir duas embarcações carregadas com tres mil homens, duzentas e quarenta peças de artilheria, e um material immenso, é applicado naquella obra para mover um pobre invalido. E não revela isto de um modo convincente o abismo, que póde existir em mechanica entre duas differentes applicações da mesma ideia?

Nos moveis expostos pela industria portugueza, e que são em geral de fabríco inferior, distingue-se uma secretaria d'ebano embutido de marfim, de optimo trabalho; uma mesa de chá com a prancha superior de marmore vermelho, cujo granito formado de innumeraveis fragmentos imita o mosaico irregular da parquetagem recamada de puzzolana; e um armario de acajú, de um estylo extremamente simples e de bom gosto.

As flores artificiaes tomam grande espaço na exposição portugueza; mas, os fabricantes de Lisboa ficaram mui distanciados do seu compatriota, sr. Constantino, cujas obras artisticas produzem tanto effeito na exposição franceza.

Os cristaes, a porcelana, a faiança, a serralheria, os instrumentos cirurgicos, as lithographias, a esculptura em madeira e em marfim, tambem estão representados na exposição por excellentes productos. Digamos, com tudo, que o cadeado da corrente que prende Prometheu ao seu rochedo é dos anachronismos mais ridiculos, e que o abutre que lhe roe as entranhas parece-se muito com a ave inofensiva que salvou o Capitolio. Mas que importam estes defeitos, se é o primeiro passo de uma renascença artistica, pela qual passará talvez Portugal antes de vêr restaurada a sua prosperidade industrial e commercial.

Em summa, nada symbolisa melhor o estado actual de Portugal do que o diamante bruto, que faz parte das joias da sua corôa, e do qual acha-se o modelo na exposição, entre os productos da ourivezaria britannica; é o mais volumoso que existe no mundo; o seu valor relativo é de 125 milhões de francos (50 milhões) pelo menos [6]; mas ainda não o despojou da sua capa terrea o lapidario. Seria curioso calcular o capital que representaria hoje aquelle seixo perfeitamente inutil, se tivesse sido vendido immediatamente depois do seu descobrimento. A enorme quantia procedente desse calculo daria a idéa das immensas perdas, que são resultado diario da apathia industrial e commercial em que Portugal tem cahido. Felizmente a exposição deste paiz, cujas partes principaes analysamos summariamente, indica que já se desperta a actividade de que se podem esperar excellentes resultados.

[4] Não é inteiramente exacto.

[5] Esta asserção, tomada em sentido absoluto, não é verdadeira.

[6] Em tudo isto parece-nos haver engano e exaggeração.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo V.

PETRUS IN CUNCTIS EST PETRUS IN VINCULIS.

A passo cheio, mas não precipitado, o jesuita adiante e logo atraz o andador das almas, ambos chegaram ao arco das portas de Santo Antão. O primeiro risonho e sereno; o segundo cada vez mais escravo do terror.

O dia amanhecêra limpo e claro; o ar estava frio e secco; e nas ruas o silencio era completo. Todas as portas e janellas fechadas davam testimunho do recolhimento dos visinhos.

O jesuita parou debaixo do arco, e de leve, muito de leve, pousou outra vez a mão no hombro do honrado Thomé. Se visse desabar a abobeda não se encolhia mais o milagreiro — tremendo, como varas verdes.

A voz do padre acompanhou o gesto; — era uma voz limpida e vibrante; quasi tão suave como o timbre da voz feminina; mas que apesar da melodia tinha um agro-doce que arranhava mais do que a rudeza de algumas fallas asperas. Certo geito estrangeiro na accentuação das vogaes dava um cunho particular ás menores phrases.

Algumas vezes a vista parecia desbotada, e armava-se então de uma doçura felina que fazia esfriar as pessoas para quem olhava. O sorriso, impenetravel, era acerado de ironia, e cortava como o fio de um stilete. Nestas occasiões a amabilidade do padre metia medo.

Em geral o semblante do jesuita era nesta occasião espirituoso e reflexivo; a vista profunda e penetrante, dessas qne em um relance medem e veem tudo; e a bocca, risonha ou séria, sempre em guarda nunca descobria o pensamento.

As feições bem accusadas, a testa alta e bombeada, e o nariz aquilino, viril, e bem formado, caindo com graça, retractavam na mais pura expressão o typo das phisionomias italianas, cuja finura e profundidade engana facilmente os observadores pouco acostumados a interpretal-as. A idade, rareando os cabellos, coroava de cans e de magestade uma figura, aonde o dedo de Deus imprimia com distincção o cunho indelevel do genio e da grandeza.

A sorrir, e sempre um favo de mel nas palavras, o reverendo padre, rompeu as hostilidades, deixando cahir amigavel, mas um pouco mais pezada, a mão direita no hombro da sua victima.

— « Como já lhe disse, filho; gostei de o ouvir, gostei muito. Vê-se bem o seu zelo pela religião, e o grande temor de Deus. Depois, é bom catholico, ama e respeita a santa inquisição. Fallou bem, fallou optimamente. Convenceu-me! »

Este elogio succarino amargava como absynto ao honrado andador. Extatico, com a peruca na mão, e os olhos de sentinella ao sorriso do padre, Thomé afinava os ouvidos, penando a fogo lento, e em trances mortaes, todos os seus peccados. O jesuita observava, sorria-se para dentro, e fingia-se desentendido.

— « Não responde? Noto agora: v. mercê não está bom; tem alguma coisa? »

— « Não é nada; estou melhor! » O devoto engasgou-se sem folgo para mais. Muito desejava acrescentar: « Tão bom te visses tu, desalmado hypocrita! » mas faltou-lhe o animo.

— « Está melhor? ora ainda bem. Não nos adoeça. Sabe do que isso procede provavelmente? E' do calor que toma pela religião. A carne não póde com o espirito...? E eu, filho, receio que venha ainda a fazer-lhe muito mal o seu espirito... Ora pois! Repito; gostei de o ouvir; pareceu-me tibio o padre Fr. João; desconhecia-o! Será bom apertal-o. Olhe, Thomé, tenho scismado; o seu conselho de curar a heresia a ferro e fogo, digo-lhe que o acho menos mau!? mas dos executores é que vae tudo. Com pequenas correcções na forma, estou em que será muito util, e agradavel a Deus e á egreja. »

— « Misericordia! *Peccavi*, reverendo padre, *peccavi!* »

— « Quem não pecca, filho? Como ía dizendo; acho-lhe razão, porque é das obras de misericordia castigar os que erram. Disse muito bem. V. mercê tem genio e habilidade... para casos de consciencia. Tirei informações a seu respeito e satisfizeram-me. Não havemos de consentir que a luz de um entendimento claro se esconda nessa humildade... Não deseja figurar? Pois sim! Isso é muito louvavel... mas todos hão de conhecel-o ao menos!.. As nossas missões da America pedem homens, assim zelosos da cura das almas e do serviço de Christo. »

— « Valha-me Deus! Errei contra a companhia; mas, v. paternidade, accuda-me pelas chagas do Salvador! Não me deite a perder! »

— « Socegue, filho. Se lhe digo que estimo a sua habilidade? — e que v. mercê tem muita é inegavel. Ora, fallou da Companhia de Jesus. A esse ponto ía eu chegar agora. Ainda assim! Teve caridade comnosco. Castiga o corpo, e lembra-se da alma. — Foi onde gostei mais de o ouvir. Estava inspirado! O embusteiro, o hypocrita, pondo a nossa capa, nem por isso é mais jesuita do que o moiro ou o idolatra. No seu coração escarneceu de Deus e da Companhia; e entre a salvação de um e a salvação de todos optar pelo interesse maior é a doutrina do instituto. »

— « Milagrosa Virgem do Cabo, valei-me! » — murmurou o irmão das almas, cujo pavor crescia em proporção da sinistra amabilidade.

— « Invoca a Mãe de Deus? Boa fonte procura! Louvo-lh'o muito. Tornando á Companhia. Dizia eu que o seu conselho era bom; e reflectindo, acrescento, que o acho optimo. É preciso um exemplo, e vamos dal-o; senão ouça: É da cidade de Evora, não? »

— « Sou, meu padre. Lá nasci e me crearam. »

— « Muito bem. Então está no caso de nos ajudar, se quizer, a servir a Deus e á religião. Sendo de Evora, conheceu por força um tal Onofre Crespo, algum tempo familiar do nosso padre Simões. Havia de conhecer!... Elle é da sua idade, trinta annos, pouco mais ou menos. »

O Sr. Thomé, ouvindo a citação fez-se fullo, e sentiu fugir o lume dos olhos. Tres vezes apalpou o chão com os pés, como quem experimenta as pernas para uma boa corrida, e outras tantas consultou o rosto do jesuita com os olhos anciosos. Inutilmente! A eterna affabilidade do padre desarmava a sua penetração.

A pergunta era naturalissima; e não teria assustado o milagreiro, se não reflectisse que os jesuitas, por desgraça, sabiam quanto queriam. A intensidade do medo, e a violencia do ataque, restituiram-lhe a clareza do intendimento. Apenas percebeu por onde vinha o assalto armou-se de prudencia e de simplicidade. O padre advertiu a mudança, e sorriu-se de novo. Applaudia-se talvez por encontrar adversario mais forte do que suppunha.

— « Que figura tem esse Onofre Crespo, meu padre? — perguntou o devoto com a possivel serenidade, depois de poucos instantes de pausa — « Ha de haver signaes — v. paternidade, de certo os mandou tirar. Está averiguada a historia do crime?.... se elle commetteu crime. Com esse apontamento talvez eu podesse lembrar-me.... Ainda que sahi tão novo da cidade que pouco me recordo.... »

— É natural. V. mercê tinha vinte annos, quando mudou de terra, segundo me disseram. Ha de lembrar-se. Foi por esse tempo. »

— « Esteja v. paternidade certo; se eu o conhecer! Nada ha que eu não faça pelo interesse da santa religião.

Como bom tactico o Sr. Thomé cobria a retirada com uma demonstração sobre a frente do inimigo. — « Sendo comigo — dizia para si — o jesuita descalça-se, e apanho-o. Sendo com outro, se o conheço, denuncio-o, do ceu lhe venha o remedio; se não o conheço, ambos estamos salvos. Em todo o caso a charidade começa por nós. »

Mais animado com este raciocinio, o andador accommodou a peruca, afinou as camandulas, e armou-se da sua não vulgar e dissimulada impudencia. O jesuita, com um risinho falso, estava-o lendo por dentro. Era evidente que o padre assistia em espirito á desaforada comedia, que em monologo corria na alma do milagreiro.

— « Falla com juiso — respondeu s. paternidade com todo o socego; nem se esperava menos do seu zelo. Quer ouvir os crimes do hypocrita e conhecer a arvore pelo fructo? É justo. Felizmente temos aqui as cópias. A Companhia sabe que os seus inimigos não descançam, e conta com elles. Está armada! Ora leia á sua vontade. »

E o jesuita, metendo a mão no seio, tirou um maço grosso, e entregou-o ao Sr. Thomé, sempre com o riso na bocca; ao mesmo tempo, disse-lhe:

— « Sabe lêr, bem sei, e até seus principios de grammatica. Sei mais aonde estudou, e quem foram seus mestres.

— « Gosto pouco disto — rosnava o devoto entre dentes: — Este padre sabe de mim pelo menos a metade do que eu sei, e queira Deus, que não saiba tudo. Em fim!... veremos! Ha de correr, como uma lebre, aquelle que me apanhar. »

E abriu o maço com algum tremor nos dedos. Em quanto lia, arrepiando as sobrancêlhas e engolindo em sêcco, a vista escrutadora do padre não perdia o menor dos seus movimentos; era um exame de consciencia feito *in anima vili* segundo o methodo jesuitico.

Em substancia resavam os papeis das proezas

de um Roberto Macario, verdadeiro cavalheiro de industria ao divino, e famoso mestre na consumada arte de enganar o proximo.

Onofre Crespo, natural de Evora, e filho de paes incognitos, fôra recolhido por caridade em casa de uma beata viuva, chamada Perpetua das Dores. Antes de ser conhecida por hypocrita, a beata era confessada do padre Simões, lente de theologia no collegio dos jesuitas, e engomava a roupa para aquella piedosa casa. Quando Onofre tinha doze annos entrou nas classes do collegio, e estudou latim, logica, e rethorica. Aos dezoito principiou a ouvir theologia, e a ajudar á missa do seu mestre e protector, o padre Simões. Parecia o exemplar do perfeito devoto. Ninguem fallava menos, nem resava tanto, conservando-se mais tempo de joelhos e braços erguidos. Vejamos como se aperfeiçoaram estas prendas.

O padre Simões costumava depois do jantar distrahir-se com um passeio pela cidade, levando em sua companhia o Sr. Onofre Crespo. Uma tarde entrou com elle na loja de certo ourives, seu amigo, homem rico e honrado, e poz-se a apreçar prata lavrada, até o valor de cem moedas, tudo objectos diversos. Era uma encommenda e como queria servir regateou, sahindo por fim muito suado, e sem concluir o ajuste, porque desejava saber a vontade do comprador. Fazia vento quando voltaram para o collegio, o padre constipou-se, e ficou surdo do defluxo. Tres dias depois, justamente no dia em que fazia vinte annos, o virtuoso Onofre appareceu de manhã na loja para levar a prata da parte do jesuita, dizendo ao ourives que fosse com elle se queria receber o dinheiro. Ainda era cedo, e quando entraram na egreja, o padre Simões estava confessando a Sr.ª Perpetua. « Espere um instantinho, — disse o devoto ao ourives — eu aviso o padre mestre. »

Com effeito chegou-se a elle, e em quanto a penitente começa em jaculatorias espirituaes, que atroam a egreja, o Sr. Onofre abaixa-se e muito chegado ao jesuita profere algumas palavras, que o ourives não percebeu, graças ás exclamações da beata; mas que não o inquietaram em virtude da resposta da padre, dada muito alto, como é costume dos surdos. Virando-se para elle, o confessor disse: « Pois sim, sim. Com muito gosto, é um instantinho em quanto avio esta devota e logo lhe fallo. » Depois reparando no cesto, que o Sr. Onofre trazia na mão, acrescentou: « Leve-me isso para o meu quarto, e com cuidado. » O nosso Onofre não esperou segunda ordem; rodou sobre os calcanhares, e sahiu immediatamente da egreja, fazendo a sua cortezia aos santos com a mais espremida compuncção.

Quando a beata se levantou para resar a sua penitencia, o padre Simões, chamando o credor, assoou-se, saudou-o com a mão, e disse: « ajoelhe e diga o acto de contricção » — v. paternidade perdoará, mas eu não venho confessar-me. — « Essa é boa! Pois não quer que eu o ouça? » — Sim Sr., mas não é de confissão: vim para receber as ordens do padre mestre. — « Quaes ordens? » — Aquella continha que sabe. — « Não percebo! v. mercê está em seu juiso? « — Por signal em jejum ainda, v. paternidade é que está distrahido. Fallo da prata. . . — « Ah! Poi snão! Desculpe! esta cabeça! É negocio feito, já sabe. Appareça por cá amanhã cedo, para o acabarmos. Não quer mais nada? » — Beijo as mãos de v. paternidade. — « Não se esqueça. Traga a conta e o recibo? » — vem tudo, padre mestre.

Naquelle dia faltou ao jesuita o seu andarilho Onofre; mas não lhe deu cuidado; tinha pedido licença para ir a uma romaria, a seis legoas de distancia da cidade, e julgou-o de viajem. Na manhã seguinte davam nove horas, e entrava o ourives pela cella do padre mestre com a saudação usual: — Deus seja nesta casa! — « E o ajude a v. mercê — respondeu o religioso, chegando-lhe um moxo para defronte do maciço contador de páu santo torneado em que escrevia. » — Aqui está agora a relação da prata, e o preço das peças marcado á margem. — « Dê cá. Assim é que eu gosto. Contas claras. » — Agora se v. paternidade quer, vamos conferir o dinheiro. — « Se o acha certo para que é isso? E a prata? » — Veiu a que o padre mestre mandou. — « Pois sim; mas que é della? » — Naturalmente está onde v. paternidade a poz — replicou o ourives rindo. — « Onde eu a metti?! Está zombando? Pois não me dá a prata e quer que eu saiba aonde a guardei? » — Não dei a prata? — acudio o mercador fazendo-se branco. — Desde hontem aonde está ella senão em poder do padre mestre?

— « Não brinque. Falle serio. — « Muito serio fallo eu. Por signal que V. paternidade me disse que voltasse hoje pelo dinheiro. » — « Pelo dinheiro? Ahi está outra. Oh, Sr. Innocencio Pires, não me faça cahir em scismas! Pelo amor de Deus! Pois o rapaz, o Onofre não lhe levou hontem o

dinheiro, seriam oito horas da manhã? Cem moedas em dobrões de oiro, contados pela minha mão?»

— «V. paternidade falla muita verdade, mas eu não vi nem um ceitil, quanto mais cem moedas em dobrões. Quando mandou buscar a prata...» — «Eu? Não mandei tal! Até lhe pedi que m'a guardasse! Não leu a minha carta?» — «A sua carta? Qual carta? Não me deram senão este recado hontem da parte de V. paternidade, que entregasse a prata e fosse logo ao collegio. O Sr. Onofre depois metteu a prata no cesto, e eu acompanhei-o á igreja, onde por ordem do padre mestre esperei que a devota acabasse a confissão.»

Um raio fulminava menos o jesuita. Percebeu que estava roubado, e roubado duas vezes. — «Não recebeu o dinheiro? perguntou convulso.» — «Nem cinco réis! E o padre mestre não tem a prata?» exclamou o ourives atterrado. — «Nem uma culher! Meu amigo, estamos roubados, V. mercê na sua prata, e eu no dinheiro alheio... O que é isto?»

E o jesuita, empurrando com força uns papeis em cima do contador, deu com a vista em uma carta, fechada, lacrada, e com sobrescripto para elle. Abriu-a, leu-a, e rôxo de raiva, passou-a em silencio ao ourives. Este poz os oculos e todo tremulo leu alto o que se segue:»

«Meu respeitavel mestre! V. paternidade, e eu enganamo-nos um com o outro. Servia-o para ganhar algum remedio para a velhice, e até hoje affirmo-lhe que não sei a côr do seu dinheiro. O padre mestre suppoz que eu me habilitava para santo, por isso me poz quasi a jejum de pão e agoa. Ora o nosso moralista o padre Baunius, previu na *Summa Peccatorum*, *editio quinta* — *pag. mihi* 213 e 214, este caso de consciencia, onde diz: «que póde o servo a quem não pagam, «pagar-se por suas mãos, com tanto que não «tire mais do que lhe deverem, sendo pobre e «desamparado.» Sou pobre, e ainda por cima orphão. Cá levo por tanto, seguindo tão bom conselho, os vinte dobrões e mais a prata no valor de duzentas moedas. «É quanto calculo, «que devia receber em oito annos de serviço, e «não o faço caro. Ficam os calções e a roupeta, «que V. paternidade me deu, porque bem exa«minados, estão uma rede de pardaes. Tambem «deixo a Summa de Baunius, ainda marcada «*citato loco*, mas descance V. paternidade, de«corei-a primeiro. Ajuizo que o padre mestre «dará o dinheiro por bem empregado, vendo o «fructo das doutrinas de um dos melhores Ca«suistas da companhia. Com elles protesto viver «e morrer, dando ao excellente mestre que m'os «ensinou, os parabens pelo gosto que lhe hade «causa o meu exemplo. Se o dinheiro se foi, a «gloria da theologia fica, e ainda assim V. pa«ternidade comprou barato. Conto acabar muito «rico e ir como um foguete direito ao ceu. Re«commende-me a Deus nas suas orações, e seja «amigo deste seu discipulo, que lhe beija as «suas mãos. *Benedicite*, padre mestre! Até ao «dia de juizo.»

— «Ah patife, ah hypocrita! — gritou o jesuita desesperado com o roubo, e sobre tudo com a citação do padre Bauny, cuja doutrina pouco mais, ou menos, era a invocada pelo Sr. Onofre Crespo. «Para isto aqueci a vibora! Bem feito! Sabe o que elle me disse na igreja? Que tinha V. mercê grande devoção de se confessar comigo.» — Percebe V. paternidade? A prata não sahia das minhas mãos se não oiço o padre mestre dizer: «leve-a ao meu quarto!» — Mas eu julguei que era a minha roupa! — «Nada; era a minha prata.» — «Velhaco! Patife!»

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXI.

O jogo das canas.

O sol era esplendido e o ceu de um azul vivo e luminoso, o ar fresco corria brandamente por entre os ramos das arvores despojados de folhas. As avesinhas do campo pulavam sobre as arvores e as estevas, lançando de quando em quando um gorgeio de alegria, como se sentissem aproximar-se o tempo das flores. Era um dia de inverno, mas daquelles que excedem em formosura os mais perfumados dias de primavera.

A uma das janellas do pallacio real de Salvaterra estava a rainha D. Maria Francisca: um justilho de velludo violeta realçava-lhe a alvura do pescoço, que se entrevia atravez de finissimas rendas; os cabellos caiam-lhe com profusão, aos lados das faces, em aneis, em que se entretecia um tenue fio de perolas. Os olhos da gentil princesa fixados na esquina do palacio pareciam esperar impacientes alguem: de momento a momento batia com a mãosinha branca e mimosa

no parapeito da janella e depois, voltando-se para Ninon d'Amurande, que estava de pé por de tras della, exclamava: — Ainda não vem!

De repente entrou na praça do palacio, que estava preparada para nella se correrem canas, o Infante D. Pedro, montado n'um brioso cavallo branco. D. Pedro vinha vestido de seda côr de violeta; no chapeo ondeavam-lhe magnificas plumas brancas: dos copos da espada pendia um lindo fiador tambem violeta bordado de oiro.

Sua Alteza atravessou a praça fazendo caracolar o cavallo, n'um meio galope elegante, e parando debaixo da janella em que estava a rainha, tirou o chapeo que meteu debaixo do braço esquerdo, e curvou-se até quasi tocar com a fronte no pescoço do cavallo.

A rainha respondeu a esta respeitosa saudação, indireitando-se e fazendo uma graciosa mesura, com todos os tempos e requebros que exigia a etiqueta daquelles tempos cumprimenteiros.

Um sorriso simpatico curvou harmoniosamente os beiços da formosa franceza, e os seus olhos responderam com um olhar que lhe illuminou instantaneamente a phisionomia á frase apaixonada que se lia nos do Infante quando ergueu a cabeça.

Via-se que o Infante ganhara muito no coração da rainha, desde que a corte viera para Salvaterra. Era claro, que as relações entre os dois reaes cunhados se haviam tornado mais intimas: não pela amisade, mas sim por um sentimento naquelle caso menos innocente, e singello. Aquelles amores, apenas nascentes, haviam tomado talvez por alguma dessas causas quasi imperceptiveis e insignificantes, que são a origem ás vezes das grandes tempestades do coração, incremento bastante, para que a rainha não podesse, apesar do seu genio artificioso, occultar a alegria que lhe causava a presença do Infante.

— Como elle vem hoje guapo! — disse a rainha para Ninon.

— Sempre o vi com os mesmos olhos — respondeu esta.

— Tambem eu — acudiu a rainha. — Mas elle hoje vem, que parece um dos mais gentis cavalheiros da nossa corte.

— A mim parece-me. . . — e a travessa dama parou, fingindo hesitação.

— Que te parece?

— Ora não digo.

— Diz, que mando eu.

— Por ordem de sua magestade, digo, que me parece estarem os olhos de sua magestade vendo hoje melhor do que nunca.

— Ainda hei de ficar mal comtigo — acudiu a rainha com um gesto de ameaça, e sorrindo ao mesmo tempo.

— Deus tal não ha de permittir.

Este dialogo passou-se sem que a rainha despregasse um instante os olhos de D. Pedro, que fizera estacar o cavallo diante da janella do paço, e, immobil como se fôra de pedra, ficára em extatica admiração.

Em quanto esta scena se passava, n'um quarto situado na parte mais alta de um dos lanços lateraes do palacio que, por arruinado, deixára de ser habitado, estavam dois mancebos espreitando, pelas fendas de uma janella desconjuntada e feita de tabuas carunchosas, os gestos da rainha e de Sua Alteza.

— Olha como é formosa! — dizia um.

— Vê como o Infante a sauda com gentilesa — acudia o outro.

— É uma graça que não tem egual! — exclamou o primeiro.

— Oh se tem! — murmurou o segundo. — Ai Margarida, Margarida, tu vales mais do que uma rainha!

— Que mesura tão perfeita! É a Sua Alteza, que ella comprimenta.

— Não ves a alegria que Sua Alteza traz pintada na cara.

— Ella sorri-se. . . olha para o infante. . . e de que modo. Jesus, se me não enganam os presentimentos! Quem póde acreditar na felicidade! Não quero, não posso vêr mais: como elles olham um para o outro!

E o homem que fez estas exclamações, interrompidas e entrecortadas por murmurios inarticulados, recuou alguns passos e foi-se esconder no fundo do quarto, a que davam luz não só as fendas da janella, mas os largos buracos do sobrado e do tecto.

Já o leitor conheceu de certo, que os dois mancebos, que se escondiam na parte arruinada do palacio de Salvaterra, eram os dois heroes da nossa historia. Um escondia-se porque estava morto, o outro para que o não matassem.

— Não fujas, não te vás, Luiz de Mendonça — disse da janella Francisco d'Albuquerque. — Ahi vem entrando na praça El-rei, e muitos fidalgos. Lá dá com Sua Alteza: fallaram-se: a côrte olhou toda para a rainha. Encaminharam-se para o arco grande: apeiam-se. Vem vêr a rainha, que se vae metter para dentro.

A estas palavras Mendonça deu um pulo até á janella, e viu ainda de relanço a senhora dos seus pensamentos, no momento em que se recolhia da janella.

— Tu pódes vêl-a; de longe é verdade, mas pódes — proseguiu o capitão. — Eu, porém, não posso vêr Margarida, nada sei della. . .

— Sabes que ella te ama.

— É verdade; mas por isso mesmo tenho mais saudades.

Os dois mancebos, depois destas palavras, sentando-se cada um no seu poial da janella, ficaram calados a cogitar nos seus amores.

Entre tanto na praça ia-se juntando gente bastante; criados do paço, e ociosos de Salvaterra, que vinham para assistir aos jogos e exercicios, que quasi todas as tardes os principes e os fidalgos faziam defronte da rainha.

Não tardou effectivamente muito que se enchessem tambem as janellas do palacio de damas, desembargadores, clerigos, e fidalgos velhos; e o parapeito, que circumdava a praça, de mancebos nobres, dos que não tomavam parte nos jogos daquella tarde. Appareceu em fim a rainha; e mal ella assomou á janella, um capitão seguido de alguns soldados da guarda tudesca varreu da praça quanto nella havia.

Logo que a praça ficou despejada duas esquadras de pagens fidalgos, uma vestida de violeta outra de vermelho, sem chapéos, e conduzindo á mão azemolas carregadas de caixotes com canas e alcanzias para servirem nos jogos, entraram lentamente na praça; e foram, separando-se ao chegarem ao meio da arena, depôr os cofres das munições nos pontos oppostos em que estavam marcados os dois castellos das quadrilhas que deviam combater naquella tarde.

Dispostas as coisas na praça para os jogos poderem começar, entraram logo em duas linhas, uma de que era mourão El-rei, e outra de que era mourão o Infante, seis cavalleiros. Os que acompanhavam El-rei vinham da direita, todos vestidos de vermelho, chapéos de plumas, polainas prezas com fitas da côr dos vestidos, e os cavallos enfeitados tambem de vermelho: os que acompanhavam D. Pedro traziam como este vestidos côr de violeta.

As duas quadrilhas caminharam a passo até ao meio da praça, com as espadas na mão, e de modo que os dois reaes irmãos formavam a primeira parelha: ahi todos tiraram os chapéos, que meteram debaixo do braço da rédea, saudando logo depois a rainha com as espadas. Feito este cumprimento, as duas linhas affastaram se uma da outra ladeando e, depois de terem saudado em roda todos os espectadores, foram postar-se junto aos cofres onde tinham guardadas as canas e as alcanzias, que lhes deviam servir para o combate.

Cumpre-nos dar agora aqui ao leitor uma idéa rapida dos jogos das canas, e das alcanzias, para que possa perceber a conversação a que o vamos fazer assistir.

Collocadas as quadrilhas em dois pontos oppostos da praça destinada para o jogo das canas, sahia de uma dellas um cavalleiro armado de uma cana verde a desafiar os da outra quadrilha. Ao chegar á esquerda dos contrarios o quadrilheiro, que ia levar o desafio, ladeava até vir collocar-se em frente destes, e então lançava ao ar a cana, tirava immediatamente a espada, para varrer os arremeços do inimigo, e levantando o cavallo ao galope voltava para junto dos seus. Da quadrilha desafiada, porém, sahia um cavalleiro a perseguil-o; arremeçando-lhe uma ou duas canas, e buscando tocal-o.

Isto que se passava com os dois primeiros cavalleiros, repetia-se com todos os outros: e o jogo terminava ordinariamente correndo os cavalleiros de ambas as quadrilhas, parelhas, isto é, galopando aos pares até ao meio da praça, e recuando depois a passo, sem se affastarem um do outro os dois que formavam a mesma parelha, e sem descruzarem as espadas.

O jogo das alcanzias, que ás vezes se fazia conjunctamente com o das canas, era mais variado e divertido do que este. Alcanzias eram umas bollas muito frageis de barro seco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quaes se metiam flores ou confeitos. Os cavalleiros neste jogo vinham armados de escudosinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas: e atiravam uns aos outros as alcanzias, que traziam no bolço. A destreza neste jogo era acertar no corpo ou no cavallo do adversario, e aparar no escudo todos os golpes.

— O Infante não desprende os olhos da rainha! — exclamou Luiz de Mendonça, seguindo com a vista os movimentos de D. Pedro.

— Lá sahe elle da quadrilha, para desafiar El-rei — acudiu Francisco de Albuquerque. — Bem! como faz ladear com graça o cavallo. E o modo arrogante com que lançou ao ar a cana! Lá vae El-rei perseguindo-o. Nem uma vez lhe tocou. Brava maravilha! Cortou a cana, como se fôra uma penna, sem esforço!

— E sem tirar os olhos da rainha!

— El-rei está fulo de raiva!

— Não vês como a rainha bate as palmas a cada proeza de Sua Alteza! Ella ama-o!

— Agora ahi vae o Conde de Castello Melhor jogar com o Conde de Val de Reis.

— Pouco me importa, quem joga as canas. Não quero, não posso vêr mais — interrompeu Mendonça com um suspiro; e afastou-se outra vez da janella.

— Estar aqui preso; e não podêr vêr lá de mais perto — acudiu elle depois de alguns minutos de silencio. — Depois de ámanhã ha uma caçada; e eu hei de ir a ella disfarçado em moço do monte. Seja como for, hei de ir.

— E eu tambem. Diogo Cutilada disse-me hontem, que Margarida chegava esta noite a Salvaterra. Na caçada é occasião de lhe eu fallar. Quero acabar com esta vida de saudade e martyrio por uma vez! Exigirei de Fr. Pedro de Sousa o cumprimento da promessa que fez a Margarida, e se elle faltar á sua palavra, irei ter com o padre Fernandes, e esse de certo nos livrará, a mim e a Margarida, deste padecimento horrivel.

— Diogo ha de vir logo. Vou mandar dizer a Sua Alteza, que estou aqui prompto para receber as suas ordens; e depois explicar-lhe-hei a causa do meu desapparecimento, que lhe hade ter parecido estranho.

— Agora vão jogar as alcanzias — atalhou o capitão, interrompendo o seu amigo. — Lá vae El-rei provocar o Sr. Infante.

— Que differença entre a destreza de Sua Magestade e a de Sua Alteza.

— Acertou uma alcanzia no chapéo de El-rei.

— Cahiu-lhe. Outra alcanzia na cabeça do cavallo.

— O cavallo espantou-se. El-rei não se póde segurar.

— Se não fora o Sr. Infante pôr-se a pé e segurar-lhe o cavallo tinha dado uma queda desastrada.

— Que immensa força tem Sua Alteza.

— A rainha fez-lhe signal! — exclamou Luiz de Mendonça. — Lá lhe deitou o ramo de flores que trazia preso no justilho! Ai! o que não dera eu por aquelle ramo!

— Tens o que vale mais que um ramo de flores, que seca e se reduz a pó: tens o lenço que apanhaste na tourada real, e que a rainha te deu.

— Mas não com aquelle sorriso, aquelle olhar apaixonado com que deu as flores a Sua Alteza.

— Tu não és principe.

— Um louco é que eu sou.

No entretanto o sol tinha-se escondido por detraz dos montes, e começava a escurecer. Acabados os jogos na praça, apenas haviam ficado alguns dos valentes da patrulha de El-rei, e os moços da cavalhariça. Pelas janellas do paço começou a vêr-se o clarão de luzes, e a ouvir-se o rumorejar das vozes dos fidalgos, que se juntavam nas salas de recepção da rainha.

Os dois moços fidalgos de Sua Alteza, cada um sentado em seu poial da janella donde tinham assistido aos jogos reaes, seguiam com os olhos os vultos que percorriam a praça, e as sombras mais ou menos graciosas que se aproximavam ou se afastavam das janellas illuminadas do paço, em quanto a imaginação lhes esvoaçava perdida e sem rumo pela fantastica região dos sonhos; umas vezes desenhando a historia brilhante de uns amores ditosos, outras entenebrecendo o futuro com imagens pavorosas.

A bulha de passos que se aproximavam, e o ranger da porta do quarto que se abria, veio chamar á realidade os dois desvairados fantasiadores. Ambos deram um pulo, e levaram a mão ás espadas; porém vendo entrar o velho Diogo Cutilada, com uma lanterna na mão esquerda, e um cesto na direita, tornaram-se a sentar tranquillamente.

O velho soldado collocou a lanterna no canto da casa que ficava mais afastado da janella, depositou o cesto ao pé da lanterna, e aproximou-se de seu amo.

— E ainda está vivo o meu sr. Francisquinho! Não me farto de o vêr! — disse elle — Que tempos estes nossos! Bem se vê que o Encuberto. . .

— Margarida já chegou? — atalhou Francisco de Albuquerque.

— A Calcanhares. . . perdão, meu capitão a sr.ª D. Margarida?

— Sim, homem. Sabes se já chegou?

— Não senhor; não chegou ainda, que eu saiba. Mas dizem que virá hoje.

— E o tinteiro trouxestel-o? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Ai! sr. Luiz que trabalho tive para alcançar um tinteiro. Não ha senão dois no paço; um da rainha, e outro do sr. Antonio Cavide, thesoureiro da casa.

— Mas trazes tinteiro e papel.

— Trago, sim senhor.

E mettendo a mão no cesto tirou um enorme tinteiro de latão, uma penna de pato e uma folha de papel grosso e amarello como um pergaminho velho.

— Aqui está tudo. — E Diogo apresentou com ares de triumpho a Luiz de Mendonça o que tanto lhe custara a alcançar.

Luiz de Mendonça escreveu immediatamente ao Infante, participando-lhe quanto lhe havia succedido depois que chegára a Salvaterra, sem com tudo lhe dizer quem lhe trouxera a noticia de que El-rei tinha dado ordem para o assassinarem; e entregou a carta a Diogo para que a levasse a Sua Alteza.

O velho Cutilada, porém, só sahiu do quarto onde se haviam escondido os dois criados de D. Pedro, depois de ter posto sobre um dos poiaes da janella um perum assado e uma garrafa de vinho que trazia no cesto, e de ter escutado attentamente as recommendações de seu amo, que lhe exigiu o mais inviolavel segredo sobre a sua ressurreição, e lhe ordenou que viesse dar-lhe parte da chegada de Margarida, mal ella desembarcasse em Salvaterra.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ILLUMINAÇÃO DO PASSEIO.

Convidar a reunir-se espontaneamente n'um centro, a fim de empenha-la n'um acto de caridade, uma grande massa de população, dando-se a circumstancia de uma festa esplendida, nova entre nós: — tal foi o pensamento que se levou a execução nas tres brilhantes noites em que desfructamos a illuminação do Passeio publico desta capital. — A gloria desta concepção e da sua realisação cabe inteiramente ao Sr. José Isidoro Guedes; consignando aqui o seu nome, não fazemos mais do que repetir o testemunho de louvor que temos ouvido da boca de nossos concidadãos illustrados, patrioticos, imparciaes, e prezadores da propagação e estabilidade dos estabelecimentos de beneficencia em a nossa patria.

Com viva satisfação podemos agora dar parabens áquelle cavalheiro, e á benemerita commissão, e mais pessoas que o coadjuvaram, pelo resultado vantajoso de tão boa lembrança. Acceite-os, pois, porque não os obscurece a sombra da lisonja; e a sua consciencia lhe dirá que os merece. Como recompensa superior á mesquinhez dos encomios, lá estão as bençãos do ceu invocadas pelas vozes sinceras e agradecidas da velhice desamparada, que tem achado cabeceira em que repouse, pão de que se alimente no abrigo, que lhe presta a piedosa instituição do Asylo da Mendicidade.

Este pensamento, e creio que nos podemos exprimir assim, dotou o Asylo com um fundo annual, que será um dos principaes ou talvez maiores subsidios para a sua sustentação; a par das philantropicas subscripções das pessoas bemfazejas. Claro está que as despezas da illuminação para o anno proximo serão grandemante atenuadas pelos preparativos e ornamentos permanentes que lhe ficam deste primeiro, se bem que primoroso, ensaio; ajudando incontestavelmente as lições da experiencia. A concorrencia do publico não faltará então, assim como desmentiu nesta bem succedida tentativa os agouros de pseudo-prophetas. e até os receios de animos, não mal inclinados, mas timoratos.

Para em tudo ser feliz esta solemne funcção da caridade publica, a Providencia concedeu noites serenas e bonançosas, comparativamente ás anteriores, e ás ordinarias mudanças atmosphericas, tão frequentes em o nosso clima na estação proxima do equinoxio autumnal.

Dissemos que esta festa era nova nova entre nós; porque um simulachro de illuminação no Passeio, em a nossa primeira épocha constitucional, distou muito e muito da actual festa, segundo o testimunho ocular de pessoas mui capazes de estabelecerem a comparação: a disposição, o methodo, a ornamentação, os baazares, tudo agora foi absolutamente novo. — Com effeito, o espectador assim que transpunha o espaço onde está collocado o grande tanque circular do Passeio sentia uma impressão deliciosa, que lhe enlevava os olhos e simultaneamente consolava a alma; a sensação physica era agradavel pelo aspecto daquelles milhares de lumes convenientemente distribuidos e pelo matiz das côres, resplandecendo entre a folhagem do arvoredo soturno áquella hora, pela variada harmonia das musicas, que tocavam alternadamente nas duas ultimas noites bem desempenhadas peças de musica, pelo giro continuo e encruzado dos concorrentes, e finalmente pelos lances de vista grandemente picturescos, tomados de alguns pontos, como por exemplo; desde o obelisco elevado ao meio da rua central até o topo e até á entrada do Passeio; da varanda superior á cascata; e nas ruas lateraes aquella abobeda multicor e ondeante formada pelos pequenos balões. As talhas ou urnas, contendo luzes, assentadas nas banquetas de verdura a espaços entremeadas com as cariatides que sustentavam grupos de balões de varias côres, como cestos de pomos apinhados, tambem eram de singular gosto e produziram bello effeito. Não nos espraiaremos em descripções do que foi geralmente apreciado, e com tanto maior ventura que o louvor andava na boca de todos, e todos davam por bem empregado não só o obolo que lançavam no mealheiro do pobre desvalido, mas o tempo que alli passavam recreando-se. O socego, a boa ordem realçou o espectaculo.

Do acolhimento que recebeu do publico esta bem concebida e generosa idéa fallarão mais eloquentemente os algarismos do que palavras accumuladas. Não estamos habilitados para appresentar o saldo a favor do Asylo, e se aproximadamente nos constasse

não nos anticipariamos á publicação das respectivas contas.

Na primeira noite, 31 de Agosto ultimo, o producto foi o seguinte:

3:204 bilhetes a 480 réis........	1:537$920
Entradas das creanças............	54$370
Nos dois baazares...............	1:166$650
	2:758$940

Concorreram 3:317 pessoas incluindo os menores.

Na segunda noite, 2 de Setembro:

5:169 bilhetes a 240 réis.......	1:240$560
Entradas das creanças............	59$190
Nos dois baazares...............	1:520$235
	2:819$985

Concorreram 5:415 pessoas.

Na terceira noite, 4 de Setembro:

6:511 bilhetes a 240 réis.........	1:562$640
Entradas das creanças............	88$310
Nos dois baazares...............	1·678$955
	3:329$905

Concorreram 6:879 pessoas:

Folgamos de vêr assim medrar um pensamento generoso e util em a nossa terra; e porque temos viva fé nos melhoramentos sociaes, auguramos-lhe mais vantajosos resultados nos annos futuros.

Hampton-Court. — Este castello ou palacio real é objecto de frequentes visitas dos viajantes que vão a Londres vêr a exposição universal. Desde o mez de janeiro para cá, mais de 300:000 curiosos tem ido admirar aquelle soberbo palacio, notavel por muitas causas. Estando a cidade situada sómente a 17 kilometros (4 ¼ milhas geogr.) de Londres, é para os inglezes o mesmo que Versalhes para os parisienses. Os passeadores alli concorrem em bandos a verem o palacio que é construido de tijolo. Encerra obras primas dos mais famosos pintores, como Raphael, Rubens etc. Muitas camaras são forradas de tapeçarias tecidas com arte maravilhosa, e attribuidas á rainha Mathilde, filha de Malcolm, rei de Escocia, casada com Henrique 1.°, rei de Inglaterra, fallecida aos 30 de abril de 1218, dia em que é celebrada a sua festa. Este castello é situado no meio de um parque magnifico: foi edificado pelo cardeal Thomaz Wolsey, celebre ministro de Henrique 8.°, nascido em 1471 e morto em 1530 A historia deste ministro, que depois de haver subido ás maiores dignidades do reino, incorreu no desagrado regio e morreu na maior miseria, é um grande exemplo da fragilidade das grandezas humanas.

Gigante cavallo marinho. — Chegou a Londres em 22 de Agosto uma enorme cabeça de hippopotamo, destinada ao museu do arsenal militar de Chatam. O animal a que pertencia esta cabeça, foi morto no Cabo da Boa-Esperança no rio Kieskamma por um ajudante de cirurgião inglez assistido de alguns cafres. Era o maior hippopotamo que se tem visto na parte meridional da Africa; media mais de 13 pés da origem da cauda até a cabeça, e o corpo tinha pelo menos outro tanto de circumferencia.

Marinha militar dos Estados-Unidos. — Segundo os ultimos documentos officiaes, a força da marinha de guerra da republica anglo-americana compõe-se de 11 náus de linha, um pontão, 12 fragatas de 1.ª classe, 2 de 2.ª, 21 chalupas, 4 brigues, 5 escunas, 14 vapores, navios de deposito 6: total 76 embarcações, montando 2.108 peças de artilheria.

Exercito britannico. — O *Piloto de Londres* traz a seguinte estatistica. — A infanteria do exercito britannico consta de 113 regimentos ou batalhões, repartidos do modo seguinte:

Inglaterra e Escocia, 20 regimentos. Irlanda 14, Indias Orientaes 24. Outras possessões orientaes 14 e dois batalhões de reserva. Mediterraneo 12. Indias Occidentaes 6. America do Norte 7, e dois batalhões de reserva. A força total da infanteria é de 60:332 officiaes e soldados. A força total do exercito, comprehendendo a cavallaria e artilheria, é de 103:000 homens.

Numero dos pobres em Inglaterra. — O total dos pobres soccorridos nas 606 *uniões* e parochias da Inglaterra e paiz de Galles no 1.° de Julho ultimo era de 813:099; isto é 15.591 ou dois por cento menos do que na mesma data em 1850. Esta conta não comprehende as parochias collocadas sob uma legislação especial, pelo acto de Gilbert, e o 43.° decreto da rainha Isabel, sendo perto da decima parte da população total.

Congresso scientifico de França. — No dia 12 de Setembro corrente celebra-se a 18.ª sessão, que neste anno tem logar na cidade de Orleans. A belleza local da cidade, a sua situação central, a facilidade de suas communicações com todos os pontos da França, e mais que tudo a importancia das questões interessantes que hão de ser tractadas, persuadem que será uma solemnidade das mais notaveis e assás concorrida.

Um concerto *historico*, organisado pelas diligencias da sociedade philarmonica, uma exposição de objectos artisticos e de antiguidades, uma festa agricola, uma exposição de horticultura, uma excursão archeologica, serões artisticos e litterarios, darão folga aos sabios de seus ponderosos trabalhos. Demais disso, Orleans possue uma bella collecção, unica em França, de casas deliciosas de pedra e de madeira dos seculos XIV, XV e XVI, em perfeito estado de conservação.

A commissão directora já tinha recebido numerosos assentimentos de fóra da França; porém, qualquer que seja a affluencia dos estrangeiros, os seus alojamentos estavam preparados antecipadamente, e uma commissão especial foi incumbida de transmittir-lhes, á medida que forem chegando, todas as informações e esclarecimentos de que porventura careçam.